

A GRAFOPENSENIDADE ILUMINISTA E CONSCIENCIOLÓGICA: ESTUDO COMPARADO

LA GRAPHOPENSENITÉ ILLUMINISTE ET CONSCIENCIOLOGIQUE: ÉTUDE COMPARÈE
LA GRAFOPENSENIDAD ILUMINISTA Y CONSCIENCIOLÓGICA: ESTUDIO COMPARATIVO
ENLIGHTENMENT AND CONSCIENTIOLOGICAL GRAPHOTHOSENITY: COMPARATIVE STUDY

Denise Paro

RESUMO

Este artigo versa sobre a grafopensenidade no Iluminismo e no contexto da Conscienciologia, considerando a Parailuminismologia. Evidencia o modo pelo qual a grafopensenidade contribuiu para a difusão dos ideais iluministas no Século XVIII e as obras usadas para a disseminação do pensamento assentado na razão e na crítica à autoridade monárquica e religiosa, em ambiente norteado pela censura e frequentes prisões de autores. Em contraponto, mostra a grafopensenidade na Conscienciologia e a forma pela qual pode-se usá-la para ampliar a cultura da multidimensionalidade esclarecendo os leitores quanto as verdades relativas de ponta (verpons) derivadas do paradigma consciencial.

RÉSUMÉ

L'article porte sur la graphopensenité dans l'Illuminisme et dans la Conscienciologie, tout en considérant la Parailluminismologie. Il met en évidence la façon par laquelle la graphopensenité a contribué à la diffusion des idéaux illuministes au XVIII^e siècle et dans les oeuvres utilisées pour la propagation de la pensée fondée sur la raison et la critique à l'autorité monarchique et religieuse, dans une ambiance guidée par la censure et la fréquente incarcération des auteurs. En contrepoint, il présente la graphopensenité de la Conscienciologie et la façon par laquelle on peut l'utiliser pour répandre la culture de la multidimensionalité, en clarifiant aux lecteurs les vérités relatives de pointe (*verpons*) dérivées du paradigme consciencial.

RESUMEN

El artículo trata sobre la grafopensenidad en el Iluminismo y en el contexto de la Concienciología, considerando la Parailuminismología. Se pone en evidencia el modo por el cual la grafopensenidad contribuyó para la difusión de los ideales iluministas en el siglo XVIII y las obras que fueron utilizadas para la disseminación del pensamiento apoyado en la razón y en la crítica a la autoridad monárquica y religiosa, en un ambiente regido por la censura y las frecuentes prisiones de autores. En contrapunto, se muestra la grafopensenidad en la Concienciología y la forma por la cual se la puede utilizarla para ampliar la cultura de la multidimensionalidad, aclarando a los lectores sobre las verdades relativas de punta (*verpons*) derivadas del paradigma concencial.

ABSTRACT

This article deals with graphothosenity in the Enlightenment and in the context of Conscientiology, considered as Para-enlightenmentology. It evidences the way by which graphothosenity contributed to the diffusion of enlightenment ideals in the 18th Century and the works used to disseminate thought based on reason and criticism of monarchic and religious authority, in an environment directed by censorship and the frequent arrest of authors. In counterpoint, it shows graphothosenity in Conscientiology and the way by which it can be used to amplify the culture of multidimensionality, clarifying readers regarding leading edge relative truths (*verpons*) derived from the conscential paradigm.

Palavras-chave: 1. Grafopensenidade. 2. Iluminismo. 3. Parailuminismologia.

Mots-clés: 1. Graphopensenité. 2. Illuminisme. 3. Parailluminismologie.

Palabras-clave: 1. Grafopensenidad. 2. Iluminismo. 3. Parailuminismología.

Keywords: 1. Graphothosenity. 2. Enlightenment. 3. Para-enlightenmentology.

Especialidade. Grafopensenologia.

Spécialité. Graphopensenologie.

Especialidad. Grafopensenología.

Speciality. Graphothosenology.

INTRODUÇÃO

História. Em nenhum período da História Humana a palavra escrita moldou os rumos da política quanto no Século XVIII. Das mentes de enciclopedistas, filósofos e jornalistas surgiram ideias capazes de consolidar o holopense da transformação social denominado Iluminismo cujos efeitos repercutem até hoje na visão de mundo de muitas pessoas.

Iluminismo. O Iluminismo trouxe à tona, não apenas o estabelecimento da cultura científica fundamentada em bases racionais, como também incentivou o pensamento político com vistas a abalar o absolutismo e a autoridade religiosa. No entanto, nem sempre o mecanismo do questionamento foi direcionado pela intenção hígida e cosmoética.

Grafocentrismo. A inexistência de qualquer outro meio de comunicação, aos moldes dos dias atuais, tornou-se fator decisivo para a importância e a valorização das publicações escritas na França Iluminista. Tal contexto colocou a grafopen-senidade no centro das atenções, alçando a condição de grafocentrismo. O rádio e a televisão, veículos responsáveis por inaugurar outro modelo de comunicação, surgiram apenas dois séculos depois.

Para-História. Se a escrita constituiu-se de pilar para mudar os rumos da história da França no Século XVIII, hoje reveste-se de ferramenta ímpar no sentido de otimizar a evolução das consciências por meio da disseminação das verpons. *Livros germinam neoideias.*

Parailuminismologia. O Iluminismo foi fundamental para assentar o holopense da racionalidade, inspirado pela Revolução Científica dos Séculos XVI e XVII, atualizando a visão de mundo da época ainda influenciada por questões místicas e teológicas. Em contraponto, a Parailuminismologia vem trazer e difundir a *cultura da multidimensionalidade*, ampliando a percepção limitada pelo materialismo e a intrafisicalidade.

Grafopen-senidade. Este artigo propõe mostrar o modo pelo qual a comunicação escrita contribuiu para difundir os preceitos iluministas e da Revolução Francesa (1789–1799), evidenciando barreiras para a disseminação das obras. Também aborda a grafopen-senidade no contexto da Conscienciologia.

Paralelo. Ao se fazer paralelo com os dias atuais, é possível evidenciar o uso dos grafopen-senes em prol da tarefa do esclarecimento e na difusão das verdades relativas de ponta com base no paradigma consciencial.

Metodologia. O artigo é dividido em três partes: na primeira, apresenta-se o conceito de Grafopen-senidade Iluminista e a visão histórica das publicações no período; na segunda, evidencia-se o conceito de Grafopen-senidade Conscienciológica e breve histórico da teática atual em relação à produção escrita da *Comunidade Conscienciológica Cosmoética Internacional* (CCCI). Por último, traz as Considerações Finais sobre o cotejo.

Pesquisa. Para fazer esta pesquisa, utilizou-se dos conceitos da Conscienciologia e fez-se revisão bibliográfica relacionada à publicação de livros e jornais no período pré-Revolução Francesa.

I. GRAFOPEN-SENIDADE ILUMINISTA

Definologia. A *grafopen-senidade iluminista* é a qualidade ou característica inerente dos pensenes expressos em panfletos, artigos e livros de quaisquer natureza atinentes à filosofia dominante na Europa Ocidental no Século XVIII assentada no pensamento racional, na crítica à autoridade religiosa, monárquica e oposição ao fanatismo.

Sinonimologia: 1. Grafofopenidade da Filosofia das Luzes. 2. Singularidade da escrita no período das luzes 3. Grafofopenidade sócio-política do Século XVIII.

Antonimologia: 1. Grafofopenidade obscurantista. 2. Grafofopenidade pós-moderna. 3. Grafofopenidade absolutista.

A PALAVRA IMPRESSA

Reflexões. A grafofopenidade na *Era Iluminista* suscita inúmeras reflexões, desde o papel central das obras escritas para a época, às condições de publicações e a intenção de escritores e difusores de ideias.

Obras escritas. É inegável a força da palavra impressa no período iluminista. Aos livros é atribuído importante papel na consolidação do holopenense responsável por desencadear mudanças políticas e sociais. Roger Chartier (2003, p.115) evidencia o protagonismo preponderante das obras escritas no período: “Se os franceses do final do Século XVIII moldaram a Revolução foi porque haviam sido, por sua vez, moldados pelos livros”.

Homens de letras. Alexis de Tocqueville (1805–1859), ao se referir à França pré-revolucionária, comenta que “nunca antes toda a educação política de uma grande nação havia sido obra de seus homens de letras” (1967, p. 239-40, *apud* Chartier, p.114).

Tipografia. Criada por volta de 1455, data da impressão da Bíblia latina, a tipografia fez a diferença na Renascença, principalmente no período da Reforma Protestante, no qual inúmeros panfletos foram difundidos. Porém, diante do *Zeitgeist* iluminista, a força da imprensa torna-se maior em razão da ampliação do acesso à leitura e do crescimento do mercado consumidor de livros. A escrita emergia enquanto ferramenta de poder.

Censura. Pelo fato de reconhecer os livros e demais impressos enquanto instrumentos ideológicos com potencial de abalar as estruturas de poder, a França do Antigo Regime¹ tomou duras medidas contra escritores e livreiros. A censura era regra. Não havia liberdade editorial e de impressão. A corte estabeleceu controle permanente em relação à disseminação de ideias, atingindo livreiros e impressores.

Vigilância. Para ser publicada, as obras precisavam passar pelo crivo dos censores reais, ou seja, serem registradas e examinadas. Os editores de acordo com a imposição acabavam de certa forma privilegiados por monopolizar o mercado e usufruir de vantagens (Darnton & Roche, 1996, p. 22). Depois de publicada, a obra ainda ficava sob o jugo da ‘polícia do livro’.

Censores. A censura ganhou força a partir de 1699, período no qual o abade Jean-Paul Bignon (1662–1743) assumiu o posto de diretor do comércio de livros, segundo Darnton & Roche (1996, p. 25). Antes de 1660, os censores não passavam de

1 Denominação referente ao sistema político centrado na figura do Rei predominante entre os séculos XVI a XVII.

10. Quando Bignon passou a epicentrar os trabalhos, o número subiu para 60. Pouco antes de eclodir a Revolução Francesa, os censores ultrapassavam 160, todos empregados pelo Estado.

Especialistas. O aumento do número de censores implicou na especialização do trabalho. Acadêmicos, intelectuais, professores, editores de periódicos e bibliotecários atuavam na condição de censores nas áreas do Direito, História Natural, Medicina, Química entre outras. A proibição, conforme mencionam Darnton & Roche (1996, p. 34), “tinha o intuito de bloquear alguma coisa que pudesse impugnar a religião, o poder estabelecido, a moral aceita”.

Difusão. A preocupação do sistema absolutista recaía sobre o evidente crescimento do mercado editorial, de acordo com os autores. O fluxo de publicações passou de 500 títulos por ano em 1700 para mais de 1 mil por ano em 1771.

Gêneros. Os mecanismos de controle visavam evitar a circulação de livros proibidos, folhetos antimonarquistas, textos, canções, sátiras e opúsculos cujo conteúdo colocava em xeque os ideais absolutistas.

Negociação. Alguns autores acostumaram-se a visitar os censores e negociar as exigências. Entre eles, estavam Voltaire (François-Marie Arouet, 1694–1778), Boissguilbert (Pierre le Passant, 1646–1714), Denis Diderot (1713–1784) e Jean-Jacques Rousseau (1712–1778).

Ilegalidade. Tamanha repressão fez surgir meios ilegais e clandestinos para disseminar as ideias impressas, fazendo muitas das inovações literárias serem manifestas à margem da censura.

Contrabando. O holopenses estimulou as importações ilegais de livros para a França e impressões clandestinas em Paris, mesmo diante de fiscalizações regulares da polícia em gráficas e livrarias. Surgira a prática do contrabando impresso responsável pelo aumento da procura e do valor de obras proibidas.

Bastilha. Entre 1659 e 1789, cerca de 1 mil infratores foram encaminhados à Bastilha² por terem cometido crimes editoriais, ou seja, 17% dos prisioneiros, segundo Darnton & Roche (1996). Os mais penalizados foram operários, vendedores ambulantes e pequenos distribuidores. Porém, alguns autores não escaparam das grades, entre eles Voltaire, preso durante 11 meses.

Rotas. Alguns editores utilizavam-se de estratégias para burlar a censura, tais como maneiras diferentes de embalar as obras, contratação de contrabandistas, troca de nomes de livros filosóficos, mais visados pelos censores. A rota mais usada ficava entre a França e a Suíça (Darnton & Roche, 1996, p. 74).

Descaminho. O transporte clandestino de livros tinha característica peculiar. Os carregadores afeitos a aventura ilegal evitavam os livros antirreligiosos ou com críticas a figuras públicas, por temerem ser confundidos como responsáveis

2 Prisão símbolo do regime absolutista.

pelas obras. O fato não era comum quando levavam mercadorias com a finalidade de evitar o pagamento de impostos, segundo os autores Darnton & Roche (1996).

OS LÉXICOS E A GRANDE *ENCYCLOPÉDIE*

Revolução intelectual. Vistos enquanto revolução intelectual para o período iluminista, os léxicos, *dictionnaires* e enciclopédias tiveram importante papel para o desenvolvimento da pesquisa e do pensamento. O gênero lexicográfico começou a entrar em voga no ano de 1674 a partir da publicação do *Grand Dictionnaire Historique* de Louis Moréri (1643–1680). Ganhou mais atenção em 1697, com a edição da *Encyclopaedia* de Ephraim Chambers (1680–1740), em dois volumes. Porém, o auge chegou com a *Grande Encyclopédie* de Diderot e d’Alembert (Israel, 2001, p. 174).

Léxicos. As obras eram destinadas a estudiosos, filósofos e à elite intelectual formada por diplomatas, patrícios, profissionais liberais e cortesãos. Os léxicos, por exemplo, cumpriram papel importante na época, segundo Israel, “Os léxicos eram, em si mesmos, uma arma eficiente na batalha contra a superstição e ignorância, sendo com efeito permeadas pelas visões de tolerância e pela condenação do fanatismo” (2001, p.176).

Bayle. O dicionário de Pierre Bayle (1647–1706), por exemplo, versava sobre as filosofias ateias, deístas e materialistas. O potencial para disseminar novas ideias levou os dicionários de Moréri e de Bayle a serem proibidos na França de Luís XIV (1638–1715).

Encyclopédie. Publicada entre 1751 e 1772, em 17 volumes de texto e 11 de ilustrações, com um suplemento de 5 volumes acrescentado em 1777, a *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers, par une Société de Gens Lettres* – Enciclopédia ou Dicionário Racional das Ciências, das Artes e das Profissões, por uma Sociedade de Pessoas Letradas – transmitia conhecimento aos leitores cujo princípio ordenador era a razão.

PERIÓDICOS

Imprensa. Os fatos instigantes no período revolucionário serviram de combustível para o desenvolvimento da imprensa. Entre 1789 a 1800, mais de 1.500 títulos novos de jornais foram publicados. O número significa duas vezes mais, em 11 anos, em relação aos 150 anos precedentes (Albert & Terrou, 1990, p. 21).

Folhas revolucionárias. A efervescência periódica englobava folhas dos mais variados tipos e panfletos, alguns com publicação irregular. As chamadas *folhas revolucionárias* ganharam destaque. Entre as mais populares estavam *Le Courier de Provence* do político, escritor e jornalista francês Honoré-Gabriel Riqueti (Conde de Mirabeau, 1749–1791), *Le Patriote Français* do político francês Jacques-Pierre Brissot (1754–1793) e *Le Révolutions de France et Brabant* do jornalista e panfletoário Camille Desmoulins (1760–1794). No grupo das mais violentas constavam

L'Ami du Peuple do médico, político e jornalista Jean-Paul Marat (1743–1793) e *Le Père Duchesne* do jornalista político Jacques Hébert (1757–1794), conforme Albert & Terrou (1990, p. 21). Os autores salientam a importante participação dos periódicos na revolução. “Essas folhas, possuidoras de um grande público popular em Paris, conjugaram sua ação com a dos clubes e sociedades populares e tiveram boa parte de responsabilidade no desencadeamento das jornadas revolucionárias” (Albert & Terrou, 1990, p. 23).

OS AMBIENTES DE DIFUSÃO

Ambientes intelectuais. Salões, cafés, academias, clubes e periódicos asseguravam às pessoas fazer o uso público da razão. Em especial, os periódicos ampliavam o acesso às informações para grupos mais amplos, porém as restrições culturais não garantiam ao povo participar ativamente neste *círculo do saber*.

Provocações. Os textos dos panfletos, almanaques e jornais eram lidos em cafés e parques por oradores inflamados voltados para provocar ondas de protestos antimonárquicos.

Leitura. A leitura e a aquisição de livros crescia. Após 1760, surgiram *cabinets de lecture* em pequenas lojas ou bancas ao ar livre. Os *cabinets* funcionavam mediante pagamento mensal de 10 a 20 libras para fazer empréstimos de livros – dicionários, enciclopédias, almanaques, obras filosóficas e literárias – jornais e periódicos. Os *cabinets* de certa forma democratizaram a informação e possibilitaram aos leitores de escala social mais baixa terem acesso à leitura e aos panfletos políticos (Chartier, 1991, p. 117).

Mitos. Ao fazer paralelos entre o Iluminismo e a Revolução Francesa, Bonislav Baczko (1989) desconstrói alguns mitos em relação ao período, tais quais, o iluminismo, na condição de “século esclarecido”, ter gerado a revolução, mesmo se os chamados porta-vozes não a haviam previsto ou desejado e, também, da revolução caracterizada qual mensageira do Iluminismo, ter abolido o passado e traduzido ideias de vanguarda para a época.

Baixo iluminismo. O autor reforça o papel central da grafopensidade para a consolidação da revolução. Na concepção de Baczko, “a revolução foi herdeira das obras de Voltaire e Rousseau. Mas também foi herdeira do chamado, por vezes, de “baixo iluminismo”, massa de panfletos e de libelos escandalosos, sobre as amantes de Luís XV ou sobre as orgias do clero, escritos com um mau gosto” (1989, p. 762).

Panfletos. Os panfletos e libelos disseminavam-se pelo mercado clandestino dos livros e questionava os fundamentos do regime. Escritores mal sucedidos, os panfletários estavam no rol da *intelligentsia* frustrada e marginalizada (Baczko, 1989). Porém, para a revolução significava “funcionários potenciais”.

Valores. Na concepção de Baczko as ideias e os valores iluministas serviram como referência nos conflitos políticos e ideológicos do período revolucionário. No entanto, não se pode fechar os olhos para as mudanças de valores, segundo o autor,

“O cosmopolitismo se transformou em nacionalismo conquistador, o pacifismo se transformou em militarismo, a tolerância em fanatismo, a liberdade no Terror” (1989, p. 763).

II. GRAFOPENSENIDADE CONSCIENCIOLÓGICA

Definologia. A *grafopensenidade conscienciológica* é a qualidade ou característica inerente dos registros pensênicos escritos em jornais, revistas, verbetes, artigos, livros, seja de característica narrativo-descritiva, enciclopédia ou lexicológica, com vistas à esclarecer leitores sobre a realidade multidimensional a partir das premissas do paradigma consciencial.

Sinonimologia: 1. Qualidade da grafopensenidade conscienciográfica. 2. Conjunto de traços do registro gráfico da Conscienciologia. 3. Natureza dos grafopenses conscienciais.

Antonimologia: 1. Qualidade da grafopensenidade acadêmica. 2. *Papermania*. 3. Característica do grafopensene literário.

A ESCRITA E O INTERMISSIVISTA

Grafopenses. O exercício da grafopensenidade envolve toda e qualquer temática, seja literária, biográfica, filosófica, acadêmico-científica, conscienciológica e jornalística.

Livro. Para a conscin intermissivista, importa mais deixar o grafopensene fixado por meio de livro da temática conscienciológica a fim de alargar o microuniverso consciencial dos leitores quanto à realidade multidimensional. *Livro: tares grafada*.

Escrita parapsíquica. O potencial parapsíquico, antes ignorado ou subutilizado, hoje vem somar aos escritores intermissivistas no exercício da grafopensenidade, potencializando os resultados.

Pensenidade. No ato da escrita é salutar considerar a anatomização da pensenidade. Waldo Vieira (1932–2015), relaciona o pensamento (pen), com o mentalsoma; o sentimento (sen), ao psicossoma e a energia consciencial (ene), com o energossoma (2009, p.30).

Escrita. O marco histórico da grafopensenidade conscienciológica é o livro *Projeções da Consciência* do autor Vieira, a primeira obra da temática conscienciológica lançada em 1981.

Tratados. Os tratados, *Projeciologia – Panorama das experiências fora do corpo*, lançado em 1986, e *700 Experimentos da Conscienciologia*, publicado em 1994, ambos de Vieira, vieram consolidar a Conscienciologia enquanto ciência e constituem-se em obras de referência no contexto da grafopensenidade conscienciológica.

Instituições. Os livros ampliaram a difusão dos fundamentos da ciência Conscienciologia e Projeciologia criando condições para estruturação de *Instituições*

Conscienciocêntricas (ICs) disseminadoras e promotoras das verdades relativas de ponta. *Livros abrem portas*.

Autorado. O ambiente favorável fez florescer a escrita conscienciológica, a partir de publicações de inúmeros gêneros, seja jornais, revistas, enciclopédia, dicionários e livros. A CCCI conta com 129 autores (Data-base fevereiro de 2017), dos quais 83 publicaram livros da temática conscienciológica.

Informativos. Na grafopensenidade conscienciológica, os informativos periódicos (jornais e boletins) das ICs cumprem importante papel na disseminação do holopense relativo ao paradigma consciencial e contribuem para o fortalecimento de ambientes institucionais a partir do *rapport* com leitores.

Pioneirismo. O periódico pioneiro foi o *Boletim Informativo do Instituto Internacional de Projeciologia* (BIPRO), com a primeira edição publicada em junho de 1989. Com publicação trimestral, perdurou por mais de 10 anos. Ao longo das últimas décadas surgiram outros 38 periódicos conscienciológicos, entre boletins, jornais e revistas de caráter informativo. Atualmente, estão ativas 4 publicações, entre 2 jornais o da Aracê e o da Cognópolis Foz e duas revistas do gênero a *Gescons* editada pela Editares e *Intercâmbio* pela Intercons.

Revistas Científicas. Ao modo dos informativos, as revistas técnico-científicas cumprem importante papel na disseminação de verpons e pesquisas conscienciológicas. A *Revista Conscientia*, da CEAEC Editora, foi o primeiro periódico científico, com publicação iniciada em 1998. Atualmente, a CCCI conta com 10 periódicos de caráter científico.

Panfletos. No âmbito grafopensênico, faz-se jus mencionar os inúmeros panfletos ao modo de *flyers* e cartazes utilizados para divulgação de palestras e cursos das *Instituições Conscienciocêntricas*. Ao modo de pílulas impressas, sem dúvida têm importante papel no sentido de levar à informação sobre as atividades conscienciológicas, sem o foco da doutrinação e inculcação.

LÉXICOS E A *ENCICLOPÉDIA DA CONSCIENCIOLOGIA*

Dicionários. As publicações da família lexicológica e enciclopédica reforçam a consolidação da grafopensenidade conscienciológica. Dos dicionários, ao modo do *Dicionário de Neologismos* (Vieira, 2014) e do *Dicionário de Argumentos da Conscienciológica* (Vieira, 2014), extraem-se definições precisas sobre os conceitos das ciências Conscienciológica e Projeciologia.

Enciclopédia. Proposta em 1998 por Waldo Vieira, a *Enciclopédia da Conscienciológica* é antologia intelectual catalisadora de neoverpons da ciência conscienciológica a fim de difundir a pesquisa a partir das definições concebidas em consonância com inúmeras especialidades.

Verbetógrafos. A *Enciclopédia da Conscienciológica* tem no elenco mais de 600 verbetógrafos (Ano-base: 2017), ultrapassando a marca da *Encyclopédie*, em torno

de 140 a 160. Após propor a publicação da Enciclopédia, Vieira desafiou os intermissivistas, em 2007, a escreverem verbetes, participando na condição de coautores voluntários (Vieira, 2015, p. 23).

On-line. O advento na *Internet* no Século XX possibilitou a transmissão das tertúlias *online* a partir de maio de 2008, ampliando exponencialmente a difusão do *corpus* teórico da Conscienciologia.

Círculo Mentalsomático. Encontro intelectual realizado todos os sábados das 9h às 11h50, o *Círculo Mentalsomático* cumpre o papel de debater conceitos da Conscienciologia em meio a autorando e autores. Estimula-se o exercício da escrita e a argumentação, com vistas a esclarecer e não convencer.

Editora. A *Associação Internacional Editares*, editora da Conscienciologia, IC fundada em 23 de outubro de 2004, constitui-se de importante suporte para a disseminação das produções grafopensênicas da CCCI.

Redaciologia. Sob a proposta conscienciológica, a técnica redacional apresenta avanços no confor no sentido de se alcançar a expressão escrita objetiva e sem ambiguidades a fim de se evitar dubiedades na interpretação, ao modo de textos precisos da ciência. Com foco na tares, a redação conscienciológica difere dos grafopenses norteados pelas lavagens cerebrais e inculcações.

Curso intermissivo. A passagem pelo *Curso Intermissivo* (CI) possibilita à conscin colocar em prática, na vida atual, o instrumento da escrita de modo cosmoético e com vistas ao esclarecimento, renovando os objetivos grafopensênicos.

QUALIFICAÇÃO GRAFOPENSÊNICA

Indicadores. Considerando o *Curso Intermissivo* e a respectiva qualificação grafopensênica do autorado conscienciológico, eis, em ordem alfabética, 12 indicadores ou condições favoráveis à produtividade conscienciográfica na CCCI:

01. **Aporte.** Publicar livros com financiamento pessoal da obra e, sem pensar no retorno financeiro, com cessão dos direitos autorais à EDITARES.

02. **Coautoria.** Ter a oportunidade de estar inserido na condição de coautor da *Enciclopédia da Conscienciologia*, publicação significativa para a maxiproéxis grupal.

03. **Cooperação.** Dispor de auxílio técnico de editores e revisores especializados na tarefa da formatação de textos e livros para publicação.

04. **Difusão.** Contar com incentivo cosmoético para a difusão das produções intelectuais grafopensênicas em debates e reuniões intelectuais realizadas no *Tertuliarium* todos os dias das 12h30 às 14h30.

05. **Edição.** Editar e publicar livros sem o jugo de censores e da prática do comércio ilegal.

06. **Holopensene.** Fixar residência em holopensene predisposto à prática do grafopensene tarístico e assistencial, com vistas ao esclarecimento, ao modo da

Cognópolis-Foz onde há ambientes especializados no desenvolvimento da escrita e pesquisa a exemplo do Holociclo, Holoteca e *Laboratórios de Autopesquisa*.

07. **Ideias libertárias.** Ter liberdade para o questionamento, proposição de novas ideias sem a censura do poder temporal com base no exercício do *binômio admiração-discordância* a partir dos debates gerados pelos artigos e livros publicados.

08. **Jornais.** Publicar periódicos, ao estilo de informativos mensais de *Instituições Conscienciocêntricas*, sem inflamar os leitores ou promover lavagens cerebrais.

09. **Liderança.** Exercitar a liderança intelectual a partir da publicação de verbetes, artigos e livros e a proposição de verpons.

10. **Revistas.** Escrever artigos técnicos para os periódicos da Conscienciologia a fim de balizar neoconceitos na condição de achados científicos, primando pela informação cosmoética e técnica, sem manipulações.

11. **Verpons.** Estar inserido em ambiente com estímulo constante aos achados verponológicos. Se a razão foi o ideário de ponta do Século XVII, hoje as verpons são fundamentadas no autodiscernimento sadio e no conhecimento multidimensional cosmoético.

12. **Voluntariado.** Participar de atividades relacionadas à escrita e revisão de artigos, verbetes ou livros, nas *Instituições Conscienciocêntricas* diretamente ligadas ao materpensene da grafopensenologia a exemplo da *Associação Internacional de Enciclopediologia Conscienciológica* (ENCYCLOSSAPIENS), a *União Internacional de Escritores da Conscienciologia* (UNIESCON) e a *Associação Internacional Editares* (EDITARES).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parailuminismologia. O cotejo entre o exercício da grafopensenidade no período iluminista e no atual *Zeitgeist*, considerando a *Parailuminismologia*, leva à reflexão sobre o papel de minipeça das concins escritoras intermissivistas a fim de ampliar o horizonte pensênico de leitores a partir das insígnias do paradigma consciencial.

Retrovida. Considerando a hipótese de muitos intermissivistas terem deixado, em retrovidas, grafopensenas das temáticas política, literária e filosófica, torna-se passível aproveitar o atual momento para qualificar a escrita com foco nos preceitos da *cultura parapsíquica multidimensional* assentados no *princípio da descrença* (PD).

Cognópolis. Contando com ambientes especializados em escrita e pesquisa, considerando acervo, cursos e editora própria, a Cognópolis é fulcro acelerador de grafopensenas, reproduzindo a síntese atualizada de cenários e aprendizados hauridos por muitos intermissivistas em outras existências.

Atmosfera. O inteligente é saber aproveitar a atmosfera intelectual-parapsíquica em favor das neoideias para o exercício da tares grafopensênica.

Cientificidade. No Iluminismo, a grafopensenidade evidenciou importantes conceitos para a evolução das ideias da época, fundamentados na razão e na cientificidade. Tais concepções contribuíram para desencadear a Revolução Francesa,

a qual resultou em certa mudança dos valores iluministas, e na inauguração da Idade Contemporânea, com efeitos sentidos até os dias atuais.

Política. Enquanto os ideais filosóficos e políticos, com bases racionais, ficaram em evidência na grafopensenidade Iluminista, na Parailuminismologia privilegia-se a grafoassistencialidade. O Iluminismo foi o Século do esclarecimento intrafísico assentado na razão. A Parailuminismologia inaugura o Século do esclarecimento multidimensional, assentado nas premissas do paradigma consciencial.

CONSOANTE A ÓTICA DO PARADIGMA CONSCIENCIAL OS GRAFOPENSENES DAS OBRAS TARÍSTICAS, NA ERA DO PARAILUMINISMO, TRANSCENDEM O MATERIALISMO E DIFUNDEM NEOCONCEITOS MULTIDIMENSIONAIS.

BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA:

01. **Albert**, Pierre; & **Terrou**, Fernand; *História da Imprensa* (*Historie de La Presse*); revisor Antonio de Paula Danesi; trad. Edison Darci Heldt; VI + 122 p.; 10 caps.; 18 enus.; 42 refs.; 19 x 12 cm; br.; *Martins Fontes*; São Paulo, SP; 1990; páginas 21 e 23.

02. **Baczko**, Bonislaw; **Iluminismo**; In: **Furet**, François; & **Ozouf**, Mona; *Dicionário Crítico da Revolução Francesa* (*Dictionnaire Critique de La Révolution Française*); pref. José Guilherme Merquior; trad. Henrique Araújo Mesquita; LVII + 1.120 p.; 5 caps.; 11 fotos; glos. 99 termos; 3 ilus.; 1 mapa; 3 tabs.; 764 refs.; alf.; ono.; 23,5 x 16,5 x 6,5 cm; br.; *Nova Fronteira*; Rio de Janeiro; RJ; 1989; páginas 762 e 763.

03. **Chartier**, Roger; *Origens Culturais da Revolução Francesa* (*The Cultural Origins of French Revolution*); int. Keith Michael Baker; & Steven Laurence Kaplan; revisora Geisa Mathias de Oliveira; trad. George Schlesinger; 320 p.; 8 caps.; 1 *E-mail*; 2 *websites*; 284 refs.; 21 x 14 cm; br.; *Editora UNESP*; São Paulo, SP; 2003; páginas 114 a 117.

04. **Darnton**, Robert; & **Roche**, Daniel; Orgs.; *Revolução Impressa: A Imprensa na França 1775-1800* (*Revolution in Print: The Press in France 1755-1800*); Antologia; pref. Vartan Gregorian; revisor Geraldo Gerson de Souza; trad. Marcos Maffei Jordan; 416 p.; 3 partes; 14 caps.; 1 enu.; 3 estatísticas; 2 fórmulas; 2 fotos; 170 ilus.; 2 mapas; 14 microbiografias; 4 tabs.; 588 refs.; 25,5 x 18 cm; br.; *USP*; São Paulo, SP; 1996; páginas 22, 34 e 74.

05. **Israel**, Jonathan I.; *Iluminismo Radical: A Filosofia e a Construção da Modernidade 1650-1750* (*Radical Enlightenment: Philosophy, Making of Modernity 1650-1750*); revisores Sérgio Scuotto; Maria Cristina Scomparini; & Valéria Oliveira de Moraes; trad. Claudio Blanc; 878 p.; 5 partes; 96 seções; 36 caps.; 57 abrevs.; 1 enu.; 17 fotos; 46 ilus.; 2 mapas; 2 tabs.; 1 *website*; 1.701 refs.; 23 x 16 x 4,5 cm; br.; *Madras*; São Paulo, SP; 2009; páginas 174 e 176.

06. **Silva**, Kalina Vanderlei; & **Silva**, Maciel Henrique; *Dicionário de Conceitos Históricos*; revisoras Lilian Aquino; & Dida Bessana; 440 p.; 2 *E-mails*; glos. 100 termos; 24 ilus.; 2 microbiografias; 1 *website*; 484 refs.; 23 x 16 cm; br.; 4ª Ed.; *Contexto*; São Paulo, SP; 2012; páginas 210 a 213.

07. **Vieira**, Waldo; *Dicionário de Argumentos da Conscienciologia*; revisores Equipe de Revisores do Holociclo; 1.572 p.; 1 *blog*; 21 *E-mails*; 551 enus.; 1 esquema da evolução consciencial;

18 fotos; glos. 650 termos; 19 *websites*; alf.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2014; páginas 712 e 713.

08. **Idem**; *Manual dos Megapenses Trivocabulares*; revisores Adriana Lopes; Antonio Pitaguari; & Lourdes Pinheiro; 378 p.; 3 seções; 49 citações; 85 elementos linguísticos; 18 *E-mails*; 110 enus.; 200 fórmulas; 2 fotos; 14 ilus.; 1 microbiografia; 2 pontoações; 1 técnica; 4.672 temas; 53 variáveis; 1 verbete enciclopédico; 16 *websites*; glos. 12.576 termos (megapenses trivocabulares); 9 refs.; 1 anexo; 27,5 x 21 cm; enc.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2009; página 30.

09. **Idem**; *Princípio da Descrença; Enciclopédia da Conscienciologia Digital*; 11.034 p.; glos. 2.498 termos (verbetes); 192 microbiografias; 147 tabs.; 191 verbetógrafos; 8ª Ed. Digital; Versão 8.00; *Associação Internacional Editares*; & *Associação do Centro de Altos Estudos da Conscienciologia* (CEAEC); Foz do Iguaçu, PR; 2013; páginas 8.798 a 8.800.

10. **Idem**; Org.; *500 Verbetógrafos da Enciclopédia da Conscienciologia*; apres. e coord. geral. Dulce Daou; & Rosa Nader; concepção do projeto Cida Nicolau; coord. do projeto Eliana Manfro; & Miriam Kunz; revisores: Equipe da ENCYCLOSSAPIENS; 602 p.; 25 *E-mails*; 25 endereços; 501 fotos; 501 minibiografias; 500 siglas; 1 tab.; 28,5 x 21,5 x 3,5 cm; enc.; *Associação Internacional Editares*; Foz do Iguaçu, PR; 2016; página 23.

